

PRÉ-ESCOLAR: URGÊNCIA OU MODISMO

Terezinha Saraiva

1. INTRODUÇÃO

A educação das crianças em idade pré-escolar, já afirmava Edgar Faure, é um requisito prévio essencial de toda política educativa e cultural.

Hoje, no Brasil, esta afirmativa não causa mais espanto. Sequer é passível de discussão. Todos os educadores já se conscientizaram da grande importância de se atender à criança através de programas educativos, na faixa etária de 0 aos 6 anos. Não só os educadores; a família também está consciente de que não existe um "tempo de educar" delimitado por uma data fatal, por volta dos sete anos.

Durante muito tempo, a idade prevista na Constituição, como obrigatória para a educação, serviu de parâmetro para que muitos acreditassem que o processo educacional deveria ter início aos 7 anos. Hoje, todos sabem que ele começa no dia do nascimento e acompanha o indivíduo, num processo permanente, até o final da vida.

O fato de muitos considerarem a idade de 7 anos como aquela em que se deveria iniciar o processo de escolarização estava muito condicionado ao conceito superposto de ensino e educação.

O próprio significado de educação pré-escolar vem evoluindo ao longo dos tempos. Há muito estamos distanciados dos refúgios do século XVIII e das "Écoles à tricoter" criadas na França por Oberlin. As "Classes de Asilo", da Inglaterra do século XIX, servem-nos como referência histórica. A "Escola Maternal", que as substituiu, teve como progresso, apenas, a diferença de denominação. As "Maison D'Études", surgidas na França em 1847, já demonstravam, no entanto, a preocupação com a formação dos professores.

Assim a educação pré-escolar caminhou no tempo, como nasceu — com fins assistenciais. Lentamente este conceito evoluiu.

Rousseau e Pestalozzi foram precursores da educação pré-escolar, com fins educativos. Igualmente Froebel, na Alemanha - o primeiro, aliás, a dar o passo certo na direção certa, ao entender, numa época anterior à psicologia, os segredos da alma infantil.

Posteriormente, a experiência de Maria Montessori e os estudos realizados por Piaget foram incorporados aos anteriores. E assim, chegamos aos nossos dias, afirmando que a educação pré-escolar tem fins educativos e seu objetivo é o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança, de forma global e harmônica.

Global, porque deve abranger todos os aspectos: físico, mental, afetivo etc... Harmônico, porque estes aspectos devem desenvolver-se equilibradamente.

2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

No Brasil, durante muitos anos, a educação pré-escolar foi fonte de educação eminentemente urbana; praticamente inexistia na área rural. Mesmo nas grandes cidades, a oferta de oportunidades era insignificante na esfera pública. Tímidas ofertas na rede oficial marcam nossa história da educação pré-escolar.

Do contingente de crianças atendidas, em 1980, mais de 60% freqüentavam a pré-escola particular. Beneficiava-se dela, portanto, apenas a clientela proveniente de meio sócio-econômico favorecido. Assim, por contra-senso, atendia-se melhor aos que menos precisavam, negando à maioria o direito à educação pré-escolar e, conseqüentemente, negando o acesso a bens culturais e às vivências enriquecedoras da pré-escola.

Ainda hoje é assim.

A seletividade econômica, que marca nosso sistema de ensino, tem início na pré-escola. É isto que hoje se quer inverter, quando se lançam

as bases de um grande programa nacional de educação pré-escolar, direcionado, principalmente, para as populações de baixa renda.

É um imenso desafio a vencer. São 10 milhões de crianças de 4 a 6 anos. Além destas, milhões de outras, de 0 a 4 anos, constituem a clientela em potencial dos órgãos de assistência social. Quer um quer outro programa tem que atentar para os aspectos da nutrição, de saúde e de desenvolvimento intelectual, com vistas ao desenvolvimento global de nossos pré-escolares.

E aí cabe uma advertência: os órgãos governamentais da área da educação, da saúde e da previdência social têm que somar seus esforços, seus recursos humanos, físicos e financeiros para que num programa integrado possam atender, no mais curto prazo possível, a 25 milhões de crianças brasileiras na faixa etária de 0 a 6 anos. Se continuarmos a desenvolver programas paralelos, não responderemos ao desafio proposto.

As dificuldades, porém, não terminam aí. Se a importância da educação pré-escolar é ponto pacífico, discute-se, ainda, no Brasil, seu objetivo.

2

3. O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Enquanto muitos defendem, acertadamente, que a educação pré-escolar tem objetivo em si mesma, outros a vêem e a defendem como solução para todas as mazelas do 1º grau, considerando que seu principal objetivo seria promover a prontidão para esse grau de ensino. Ora, quem assim pensa se esquece de que há fatores internos no sistema, que são responsáveis, também, por sua baixa produtividade. É claro que as condições biopsicossociais têm grande interferência no processo de escolarização, mas não são as únicas responsáveis pelo fracasso ou pelo sucesso de nosso sistema de ensino de 1º grau.

A educação pré-escolar não pode e nem deve ser entendida, apenas, como solução para os problemas do ensino de 1º grau, embora se saiba que a criança que teve oportunidade de freqüentar a pré-escola, antes de ingressar no sistema, tem facilitado seu processo de escolarização regular. Daí, a afirmativa de alguns, segundo a qual, se o Brasil desenvolver um expressivo programa de educação pré-escolar, estaremos combatendo, com a melhor arma, um dos flagelos de nosso ensino de 1º grau: a reprovação.

Defendo a educação pré-escolar por causa e pela **conseqüência**.

Defendo a educação pré-escolar por sua importância e por considerá-la um direito de toda criança. Ela se justifica e se impõe como instrumento capaz de favorecer o desenvolvimento global das crianças, na fase mais expressiva de todo o processo de desenvolvimento do ser humano

Defendo a educação pré-escolar pela conseqüência, porque a influência da pré-escola não se restringe, meramente, a um episódio na vida da criança. Ela contribui para seu melhor desempenho na 1ª série do 1º grau; ela vai além, por trazer benefícios incalculáveis em toda a formação do futuro adulto.

4. A ALFABETIZAÇÃO E A PRÉ-ESCOLA

Outro aspecto muito discutido na pré-escola é o referente à alfabetização. Aqui também, opiniões se dividem.

Há uma corrente que repele qualquer início de alfabetização na pré-escola; outra, propõe-se a iniciá-la. A mim me parece, porém, que esta discussão deveria ser precedida de uma correta definição do que se entende por "alfabetização".

Alfabetização não deve ser entendida apenas como o ensino e a aprendizagem da técnica de ler e escrever. Este é o sentido restrito da palavra. A alfabetização, em seu sentido lato, começa muito antes do ensino de 1º grau e não se esgota ao final da 1ª série, quando a criança deve dominar o mecanismo da leitura e da escrita.

A partir deste conceito, entendo que o indivíduo se alfabetiza durante todo o seu processo de desenvolvimento. Portanto, na pré-escola, a criança está se alfabetizando.

Senão, vejamos:

Quando uma criança faz pesquisas com sua própria voz, quando sente o ritmo de seu coração e de seu pulso, quando canta, quando percebe que sua voz é diferente da voz das outras crianças, quando descobre que o som da flauta não é igual ao bater do tambor, ela está se alfabetizando. Musicalmente.

Quando uma criança pode escolher entre trabalhar com barro, pintar, recortar, quando aprende a respeitar o trabalho do colega e não o destrói, quando espera a sua vez para receber a merenda ou lavar as mãos, quando aceita o desejo da maioria, ela está se alfabetizando. Socialmente.

Quando toma conhecimento do movimento e o experimenta, quando percebe as possibilidades de deslocamento do próprio corpo e de seus músculos, ela está se alfabetizando. Cinestesticamente.

Quando desenha, quando pinta ou rabisca, quando folheia livros ou compõe histórias, ela está se alfabetizando. Graficamente.

Quando traz um feijão para a sala e acompanha o processo de germinação, quando vê a chuva cair e o sol a brilhar e descobre os seus efeitos, quando vê o cachorrinho mamar e aprende que ele antes de nascer estava na barriga da mãe, ela está se alfabetizando. Em Ciências.

Quando descobre que há mais meninas do que meninos, que Bernardo é menor do que Cláudio, que Ronaldo é mais gordo do que Elizabeth, ela está se alfabetizando. Em Matemática.

Quando fala sobre o túnel que atravessou ou do rio que passa no sítio do avô, quando desenha um morro ou descreve uma cachoeira, ela está se alfabetizando. Em Geografia.

Este, o sentido mais amplo da alfabetização na pré-escola. O desenvolvimento deste processo é que vai despertar na criança o interesse por aprender a ler e a escrever, desde que lhe seja permitido o acesso a esse bem cultural.

5. A CRIANÇA NA FAIXA PRE-ESCOLAR

O desenvolvimento da criança depende de sua formação genética e do meio em que vive. Daí o se considerar "carente" a criança à qual faltam alimentação, atendimento médico, estímulos na área sócio-cultural e que tem potencial genético duvidoso.

É na faixa de zero a seis anos que o meio influencia, de forma marcante, o futuro comportamento social do indivíduo. É na idade pré-escolar que se formam ou começam a se formar atitudes, hábitos e valores.

Neste período a criança desenvolve mais intensamente as habilidades diretamente ligadas às suas necessidades. Suas potencialidades devem ser ampliadas e sua criatividade incentivada. Deve se iniciar na difícil arte de conviver; por conseguinte, socializar-se. É quando enriquece suas experiências, crescendo física, mental e emocionalmente.

É nesta idade que se iniciam as experiências sócio-afetivas marcantes, pois a afetividade permeia todo o desenvolvimento, interferindo no crescimento da criança.

Daí se dizer que é na idade pré-escolar que se forma a base da personalidade. A maturação, a vivência de novas experiências e a natureza das relações afetivas que a criança estabelece com as pessoas que a rodeiam são aspectos fundamentais para seu desenvolvimento global e harmônico.

A maturação, a nível biológico, capacita o organismo para a execução de comportamentos, cada vez mais específicos.

A vivência de novas experiências permite à criança encontrar modelos cada vez mais complexos de comportamento, que lhe propiciam conviver melhor com a realidade.

Nunca será demais enfatizar que as crianças se desenvolvem de modo diferente e em tempos diferentes.

Seria errado esperar de todas elas o mesmo comportamento, o mesmo desenvolvimento em igual tempo. Por isto não se deve avaliar a criança naquilo que ela não é capaz de fazer, mas sim, naquilo que ela sabe, no que já incorporou e domina. Se formos avaliá-la por parâmetros ligados à faixa etária, estaremos ignorando que cada criança tem seu próprio ritmo de desenvolvimento.

Esse ritmo de desenvolvimento é, pois, influenciado por vários fatores — afetivos, culturais, de nutrição, de saúde.

É principalmente para a criança com carências nesses diversos setores que se volta agora a pré-escola brasileira.

O país está mobilizando, hoje, para ampliar a oferta de educação pré-escolar junto às populações de baixa renda.

Quem é esta criança que vamos atender?

Basta citar alguns dados para diagnosticá-la:

"A mortalidade das crianças menores de 5 anos, no nosso país — informa o Diagnóstico Preliminar da Educação Pré-Escolar no Brasil, do Mec, publicado em 1975 — é de 37,97%, sendo que os índices mais altos são encontrados no Nordeste (51,20%), no Centro-Oeste (42,23%) e no Norte (37,61%)".

Os estudos da Coordenação de Proteção Materno-Infantil, do Ministério da Saúde, acentuam que "a desnutrição proteico-calórica, as ane-

mias nutricionais por carência de ferro, ácido fólico e vitamina B12, o bócio e o cretinismo endêmico, a hipovitaminose A são alguns dos graves problemas das crianças pré-escolares, provenientes dos ambientes de baixo nível sócio-econômico, provocando deficiências orgânicas da mais variada natureza, como problemas dentários, raquitismo, anemia, verminose, tuberculose, deficiências visuais e auditivas, decorrentes de infecções crônicas".

Pesquisas efetuadas na Universidade de São Paulo, em 1972, revelaram que 42% das crianças subnutridas de 4 anos de idade apresentavam desenvolvimento correspondente ao das crianças de classe média urbana de dois anos. E mais: 42% dessas crianças tinham peso e altura correspondentes aos das crianças de classe média urbana com menos de 1 ano de idade.

Some-se a isto, a inexistência de educação sanitária e de saneamento básico, a quase total ausência de estímulos sensorio-motores, afetivos, sociais e verbais e teremos um retrato trágico de milhões de crianças brasileiras.

4

Existem, hoje, diferentes correntes de opinião sobre as conseqüências da desnutrição no processo do desenvolvimento mental.

Em conferência pronunciada em Recife, em 1977, o Prof. Nelson Chaves fez as seguintes afirmações:

"O desenvolvimento embriológico do cérebro é um dos mais rápidos e extensos processos que ocorre durante a gestação. O rápido crescimento do cérebro persiste após o nascimento, seguindo o desenvolvimento do resto do corpo. Neste período, uma criança de 4 anos de idade possui 90% da massa total do cérebro adulto. As carências proteica e calórico-proteica durante a gestação, nos primeiros seis meses de vida e até aos 4 anos de idade, podem determinar retardamento do desenvolvimento do encéfalo, deficiência de formação de enzimas necessárias ao funcionamento normal das células nervosas, deficiências estas **que** podem ser reversíveis ou irreversíveis, dependendo da intensidade e da duração da desnutrição".

Tem-se dado muita ênfase à nutrição na formação dos músculos, das vísceras, do esqueleto, no crescimento, na elaboração de hormônios necessários ao desenvolvimento e a regulação do organismo, mas surge um grande interesse na formação do sistema nervoso central. Os des-

nutridos não são apenas indivíduos de baixa estatura, anêmicos, envelhecidos precocemente, com imunidade reduzida e média de vida mais baixa. Passam a ser também considerados como mutilados cerebrais, com reduzida capacidade de adquirir conhecimentos, assimilar instrução e educação e, por conseguinte, estão em situação de inferioridade na vida atual, altamente competitiva.

De acordo com as observações de Coursin, os dados obtidos por diversos pesquisadores em todo o mundo são virtualmente os mesmos. Eles indicam uma íntima relação estatística entre uma pobre performance do sistema nervoso central e sintomas físicos de má nutrição no que se refere à altura, ao peso e à circunferência craniana. O mesmo autor refere-se, também, a observações realizadas em crianças **seriamente** desnutridas, nas quais os testes psicométricos revelam atividade intelectual em torno de 75% do normal. Os que sofreram a desnutrição precoce revelaram um déficit do quociente intelectual em torno de 10 a 25%.

Clara Reley e Francis Epps, autores de "Head Start in Action", observam: "A nutrição adequada é vital para o desenvolvimento e a eficiência tanto das crianças como dos adultos. Os estudos têm demonstrado que as crianças que não recebem os elementos nutritivos adequados têm o crescimento, a dentição e a formação dos ossos retardados. As crianças provenientes de famílias de baixa renda são menores e têm menos peso. Os efeitos de uma alimentação inadequada sobre o sistema nervoso são a falta de energia e de resistência, inquietação, comportamento negativo e lentidão mental. A atividade mental pode ser menor por causa da deficiência de energia, de capacidade de concentração e pouca resistência.

Trazer uma criança mal nutrida a um estado de nutrição adequado é um passo primordial para fazê-la aproveitar a aprendizagem escolar".

O estudo de Rafael Ramos Galvan "Desnutricion en el niño", apresenta os resultados de algumas pesquisas, quanto aos efeitos da nutrição. A partir das afirmativas de que "difícilmente poder-se-ia demonstrar que existe uma influência direta da desnutrição na atividade mental posterior do indivíduo", e que "o tratamento nutricional por si só não implica em melhoria significativa no desenvolvimento das habilidades intelectuais" chega-se aos estudos realizados por McKay e Echeverri, Vélez Y Vitale. Dizem eles que "um programa de intervenção nutricional combinado com um tratamento psicopedagógico e outro de tipo

familiar, pode melhorar o nível mental da criança desnutrida de nível sócio-econômico baixo, até igualá-lo ao das crianças normais. Não se pode, entretanto, neste tipo de programa, separar os fatores sócio-emocionais e ambientais". E conclui: "a nutrição como fator isolado do contexto sócio-emocional e ambiental da criança não explica suficientemente o grau de desenvolvimento das suas habilidades mentais. Um complemento alimentício oferecido a crianças desnutridas durante a idade pré-escolar, combinado com um tratamento psicopedagógico adequado, e através da interação da família com a pré-escola, poderá aumentar o nível de desenvolvimento mental da criança, até igualá-lo com o das crianças normais. A ministração durante a idade pré-escolar, de um complemento protéico-calórico a crianças desnutridas, pode estimular a atividade física e resultar, talvez, em um aumento de sua interação com a família e o meio que a rodeia, sem que isto repercuta diretamente num desenvolvimento intelectual e sócio-emocional".

Como se vê, estamos diante de posições conflitantes, mas que não invalidam — ao contrário reforçam, o entendimento de que a educação do pré-escolar deve ter como objetivo seu desenvolvimento global e harmônico.

6. A EDUCAÇÃO COMPENSATÓRIA

Às carências nutricionais, somam-se as afetivas e as culturais, que têm influência na vida emocional e no comportamento social das crianças.

Por não aceitar as teorias que consideram de forma radical a irreversibilidade destas carências, penso, como tantos outros educadores, que a educação pré-escolar deve propiciar a compensação delas, a fim de permitir o desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança.

Muitos educadores defendem a necessidade de uma educação compensatória, sobretudo para as crianças provenientes de meio desfavorecido.

Este é, no entanto, outro ponto de divergência, porque tal como no caso da alfabetização, não há um consenso sobre a expressão utilizada.

Há uma corrente que não aceita a educação compensatória baseada na premissa de que não há carência cultural, afirmando que todos têm um

"currículo oculto"; apenas as culturas são diferentes. Mas este conceito, que é correto, não invalida o sentido da educação compensatória, nos seus aspectos de compensação de carências nutricionais e afetivas, que (todos concordam) são companheiras das crianças provenientes de lares de baixa renda e muitas vezes desagregados.

Não se deve confundir o conceito de educação compensatória, defendido por alguns, com a concepção de alguns programas de educação compensatória, defendidos por outros, que têm como objetivo a "prontidão" para a escolarização regular. Programas com duração efêmera, com objetivo de compensar carências várias com vistas ao sucesso no processo de escolarização, estão fadados ao insucesso, porque não se supre em alguns meses as seqüelas intaladas pelas privações de toda a ordem, vividas pelas crianças nos seus primeiros anos de vida.

A educação compensatória não tem como objetivo, como alguns pensam — e por isto dela discordam — conseguir um bom desempenho escolar futuro na escola de 1º grau, da criança proveniente de meio carente. Seu objetivo não é a "preparação ou prontidão" da criança para a escolarização de 1º grau, através de treinamento ou adestramento.

Sabemos que a criança de meio desfavorecido é, de modo geral, desnutrida, tem linguagem diferente, apresenta defasagem no processo de organização do pensamento, apresenta distorções emocionais. Isto não quer dizer que ela saiba menos ou possa menos. O programa pré-escolar para ela, como para qualquer outra criança, visa ao desenvolvimento global — e este desenvolvimento pressupõe a compensação desses aspectos que chamamos de carência.

7. UMA NOVA PRÉ-ESCOLA

Estamos diante da necessidade de uma nova pré-escola. Não podemos mais ficar presos a uma pré-escola estratificada, onde se agrupam crianças por faixa etária, em que há hora determinada para tudo e para todos. A pré-escola não pode ser um mundo a parte, separado da vida, desligado da realidade. Um mundo de ritos imutáveis. Um mundo onde os papéis de cada um estão previamente determinados. Um mundo onde só é permitido o que não é proibido. Um mundo uniforme, cujo percurso é uma corrida de obstáculos.

Precisa levar em conta as diferenças: as diferenças nas condições materiais de vida, as diferenças de cultura, as diferenças nas experiências

adquiridas fora dela, as diferenças de atitudes dos pais em relação à criança.

No documento "Metodologia para um Programa Pré-Escolar", elaborado por técnicos do MOBREAL, conceitua-se a pré-escola como o "local onde se facilita o desenvolvimento global e harmônico da criança, respeitando o seu tempo e seu ritmo. Esse ritmo, a maneira como se realizam suas descobertas, a forma de se comunicar, o tipo de linguagem, enfim, o modo da criança perceber o mundo, variam de acordo com a cultura na qual ela está inserida".

Evoluiu, portanto, a concepção da pré-escola.

Hoje ela é entendida como o espaço educativo, onde se oferecem programas formais ou não-formais de educação pré-escolar. Hoje, ela clama pela participação da família e da comunidade. Hoje, ela se instala fora das quatro paredes do prédio escolar.

6

A educação pré-escolar não pode ser confundida com ensino e a solução para atender à demanda está na desescolarização. Conjugando propostas formais e não-formais estaremos no caminho certo para a expansão do programa pré-escolar. O grande desafio está em garantir a qualidade num programa de massa.

A pré-escola deve desenvolver um trabalho que se inicia e se dinamiza constantemente pela ação comunitária. As comunidades, principalmente as famílias, devem ser sensibilizadas para o trabalho da pré-escola.

A incorporação da mãe e de outros elementos da família e da comunidade no funcionamento da pré-escola é fundamental, e tem sentido pedagógico. Será através do engajamento dessas pessoas que se poderá mudar a atitude delas, no que se refere a aspectos relacionados às necessidades infantis e à educação da criança de modo geral.

Há educadores, entretanto, que recomendam a participação da família somente na execução de tarefas auxiliares. Neste caso, entendo que a participação foge ao sentido pedagógico, tornando-se episódica, efêmera, embora contribua para a expansão do atendimento e represente um certo envolvimento comunitário.

8. A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR NA PRÉ-ESCOLA

Aquele que educa a criança em idade pré-escolar tem que se conscientizar de que sua responsabilidade consiste em ajudar a criança a se tornar parte integrante do mundo social.

Ele é o facilitador deste processo. Tem que conhecer as dificuldades que vai enfrentar para educar crianças que irão chegar à adolescência totalmente transmutadas. E ao mesmo tempo não pode ignorar que interesses permanentes acrescentam riqueza à vida. Tem que conhecer as necessidades do pré-escolar. Suas características físicas e psicológicas, suas condições sócio-emocionais e de saúde.

É preciso que o educador entenda que o quociente intelectual não é mais do que uma medida, com sentido estatístico, de certos desempenhos padronizados, diretamente ratificados por êxitos e, por conseguinte, de valor muito relativo. É preciso que saiba que muita coisa pode afetar este resultado: o nível de expectativa do professor, o desbarato, a motivação, a experiência pessoal, a saúde, o meio físico e cultural.

São pontos fundamentais para a ação do educador na pré-escola: conhecer, aceitar e facilitar a mudança.

É muito importante que ele conheça as fases do desenvolvimento infantil, para saber quando e como interferir e para propor ou solicitar uma atividade. É preciso que ele aceite, por entendê-las, que as crianças não são iguais e que cada uma reage diferentemente diante de situações diversas. A flexibilidade na maneira de entender as crianças é o ponto de partida para que o educador proporcione o seu crescimento e a sua mudança.

Quanto menor a criança, melhor tem que ser o educador. Não necessariamente pelo grau de escolarização, mas pela qualificação para esse atendimento.

Diante de um programa de educação pré-escolar de massa, vamos exigir o "especialista" com formação a nível de 2º grau ou superior, ou vamos qualificar pessoas da comunidade para participarem do atendimento educacional aos pré-escolares?

Se a opção for pela última hipótese, eis outro grande desafio para as agências envolvidas no programa nacional de educação pré-escolar — capacitar corretamente os monitores que vão atender nossas crianças.

Só assim, se poderá responder de cabeça erguida à convocação do Governo para desenvolver um agressivo programa de educação pré-escolar, atendendo, no menor prazo possível, milhões de crianças brasileiras.

Não basta o atingimento das metas, somos responsáveis pela qualidade; pois trabalhar com crianças é assumir um compromisso com o futuro.

CONCLUSÃO:

Como se vê, estamos muito distantes da França de Oberlin. caminhamos muito, desde então — mas ainda há muito que caminhar. Sabemos o que

fazer, mas ainda não fizemos tudo o que deveríamos fazer.

É importante que se chegue a um consenso a respeito das principais divergências ainda existentes em relação à educação pré-escolar:

- o objetivo da Pré-Escola;
- o conceito de alfabetização na Pré-Escola;
- as conseqüências do atendimento nutricional no desenvolvimento infantil;
- a conceituação de Educação Compensatória;
- a importância e o sentido da participação da família na Pré-Escola;
- a especialização ou a qualificação do educador.

Mas, enquanto isto, é importante fazer. Sem o que, estaremos diante de mais um modismo que em nada beneficiará os 25 milhões de crianças brasileiras. E a pré-escola é urgente; não é um modismo.